

## editorial

E veio 2003. E com ele a terceira edição do Fórum Social Mundial. Em Porto Alegre, como nos anos anteriores, mulheres e homens de diversos continentes e dos mais variados movimentos sociais, entidades e organizações não-governamentais de todo o mundo estiveram reunidos debatendo e propondo as ações para um outro mundo possível.

Como não poderia ser diferente, as feministas estavam presentes, realizaram oficinas, ações e muitas manifestações. A Marcha Mundial das Mulheres, que também integrou a coordenação do eixo “Princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade”, apresentou uma vasta programação com eventos que discutiram alternativas econômicas feministas, desenvolvimento sustentável, mercantilização do corpo e vida das mulheres, emprego, meio ambiente, juventude, além dos debates sobre as ações da Marcha para 2005.

Nas discussões, nos debates e também nas ruas. A Marcha organizou dois animados blocos de feministas tanto para a passeata de abertura como para a de encerramento.

Se o FSM de 2001 foi um momento de análise da conjuntura mundial e das possibilidades de transformá-la, em 2002 o Fórum esteve centrado na proposição de alternativas ao modelo neoliberal. Agora, na edição de 2003, pretendeu avançar na proposição de alternativas, continuar apresentando nossas análises e posicionamentos, mas também entrar no debate sobre quais as estratégias de ação e organização que podem gerar o mundo novo que queremos. Entre os avanços, neste sentido, está a criação da Rede Mundial de Movimentos Sociais, que tem em seu grupo de contato a Marcha Mundial das Mulheres.

**As Sempre vivas**



Fernanda Estima

Bloco feminista da Marcha na abertura do Fórum 2003 em Porto Alegre

## A Marcha Mundial das Mulheres construindo o Fórum Social Mundial

Por Miriam Nobre

O Fórum Social Mundial simboliza o crescimento do movimento anti-globalização. Indígenas em Chiapas, indocumentados e trabalhadoras públicas na Europa deram os primeiros sinais de reação à afirmação de que não havia alternativa ao neoliberalismo. Em Seattle percebemos a enorme quantidade e a capacidade de organização de grupos que resistiam ao neoliberalismo.

A Marcha Mundial das Mulheres se inicia neste mesmo contexto e está presente desde o início da construção do FSM e nas assembleias dos movimentos sociais que definiram agendas comuns e a proposta de criação da Rede Mundial de Movimentos Sociais. Isto porque acreditamos que as transformações necessárias para mudar a vida de todas as mulheres têm uma dimensão tão profunda que só serão realizadas em um projeto conjunto com os movimentos que acreditam e lutam para que um outro mundo seja possível.

### Feministas e os movimentos sociais

Muitas organizações de esquerda ainda operam com dicotomias: o econômico e o social, a produção e a reprodução, que mais do que paralelas são hierarquizadas. A demanda feminista não se resume a uma inclusão das mulheres a um projeto dado, mas a revisão das bases deste projeto.

No 3º FSM comemoramos a maior presença de mulheres e de feministas nos vários painéis de debate. Mas ainda sentimos a falta de um verdadeiro diálogo onde possamos nos interpelar mutuamente. Os exemplos mais drásticos da falta de troca entre debatedores e debatedoras e da chamada síndrome da indiferença polida com relação ao discurso feminista aconteceram no eixo de debates sobre desenvolvimento sustentável.

Quando nós da Marcha analisamos os temas sentimos a falta de um painel sobre uma outra economia, que questionasse o produtivismo, os valores de eficiência e competitividade, o consu-

mismo. Propusemos um painel que debatesse a mercantilização da vida, a ideologia neoliberal como base e produto da reorganização da economia capitalista, as maneiras como nossa sociedade vem lidando – ou se esquivando de lidar – com a reprodução social. O formato final do painel não foi bem este, mas ainda assim uma companheira nossa apresentou os princípios da economia feminista e convidou os demais palestrantes a debate-los. Eles não emitiram sequer um comentário, mesmo após a insistência de uma mulher do plenário.

As primeiras informações sobre os temas tratados no conjunto dos seminários e oficinas auto-organizados por delegadas e delegados do encontro apontam que desenvolvimento sustentável foi o tema mais freqüente, seguido do tema gênero. Quando se cruzavam duas palavras-chave o tema com o qual gênero tinha menor intersecção era justamente desenvolvimento sustentável.

Estes exemplos demonstram que ainda existem núcleos duros no pensamento de esquerda resistentes ao feminismo. O pensamento feminista tem um largo debate sobre a relação entre produção e reprodução, divisão sexual do trabalho, trabalho doméstico, inserção subordinada das mulheres no mercado de trabalho, que ainda hoje não interage com as análises, muito menos com as propostas de alternativas e estratégias do movimento anti-globalização.

Uma maneira como a Marcha Mundial das Mulheres no Brasil tem lidado com este problema é buscar em nossa presença na agenda anti-globalização ressaltar as conexões entre o tema tratado e as relações desiguais entre mulheres e homens. Um exemplo disto é nossa participação na Campanha contra a Área de Livre Comércio das Américas. Além de estarmos envolvidas nas atividades gerais, realizamos uma série de oficinas com mulheres de bairros populares e de áreas rurais para construir nossa visão sobre a Alca. Discutimos o seu significado na economia capitalista e na relação de dominação que os EUA e suas



Mobilização e muita animação das mulheres durante o FSM

transnacionais estabelecem conosco. Mas debatemos também a mercantilização do corpo das mulheres com o incremento do turismo sexual e o lugar de nossos países em uma divisão sexual e internacional do trabalho que tem reservado a muitas de nossas mulheres o trabalho nas *maquillas* e na prostituição controlada por máfias e conglomerados de empresas de turismo. Temos que nos perguntar seriamente por que ao lado de uma aparente permissividade no campo da sexualidade, com o incremento do mercado da prostituição e da pornografia, está o aumento do conservadorismo e o ataque ao direito das mulheres de controlarem seus corpos. Temos falado em novas formas de controle sobre o corpo das mulheres com a imposição de padrões de beleza estritos. Na América Latina isto tem significado uma verdadeira febre das cirurgias plásticas, do silicone, do incremento no uso de hormônios sintéticos. Hormônios estes produzidos pelas mesmas “indústrias da vida” que produzem agrotóxicos e sementes transgênicas. Estes são apenas exemplos de diálogos e conexões que poderíamos explorar entre diferentes movimentos sociais e que ainda não aconteceram, nem mesmo neste tão vasto espaço de troca que é o Fórum Social Mundial.

### Fortalecimento da organização

Sabemos que este diálogo entre feministas e movimentos sociais não acontece entre pessoas com igual poder, existem relações desiguais de gênero na sociedade que permeiam o funcionamento dos movimentos. Revertê-las depende de mudarmos a correlação de forças desfa-

vorável para as mulheres fortalecendo-as como sujeitos coletivos. Nos diversos painéis do Fórum os homens que tinham alguma percepção sobre gênero vinham de movimentos ou países onde existem formas de auto-organização das mulheres ou existiu um forte e ativo movimento feminista. Sabemos que nossa capacidade como feministas de interpelar a esquerda e os movimentos sociais está diretamente relacionada à nossa capacidade de organização, de elaboração e mobilização. A Marcha Mundial das Mulheres tem nos fortalecido neste sentido.

No Fórum, além de construirmos nossa relação com os outros movimentos, construímos a nós mesmas, Marcha Mundial das Mulheres. As oficinas e seminários foram momentos importantes, assim como nossa presença nas manifestações. Na primeira delas nos organizamos junto com o acampamento da juventude e o movimento de gays e lésbicas. Na segunda, organizada pelos movimentos sociais, marcamos a presença feminista na luta contra a guerra e a Alca. Inventamos palavras de ordem que falavam não só do imperialismo e do machismo do outro lado do mundo, mas do machismo que vivenciamos em nossas relações cotidianas.

A Marcha tem enormes expectativas quanto ao FSM e à Rede de Movimentos Sociais. O desafio de construir estratégias comuns ainda permanece para os próximos momentos do FSM e impõem revermos nossas análises e alternativas de forma permanente. As urgências do mundo aumentam a cada dia as responsabilidades deste movimento de movimentos. E nós estamos em marcha...

## Jovens, feministas, em movimento

Por Julia Ruiz Di Giovanni

A presença do feminismo no III Acampamento Intercontinental da Juventude do Fórum Social Mundial foi uma novidade de impacto sobre a vivência cotidiana das milhares de jovens mulheres que ali estiveram. A iniciativa “Feminismo e nova geração política”, organizada pela Marcha Mundial das Mulheres, reuniu uma centena de pessoas em torno das experiências de jovens feministas da América Latina e Europa e está entre os debates políticos mais importantes do acampamento.

Hoje não é fácil construir o movimento de mulheres na juventude e dar-lhe visibilidade. As jovens geralmente não têm confiança nas organizações já existentes e permanecem distantes das dinâmicas e conteúdos acumulados pelo feminismo. Por outro lado, as feministas, muitas vezes voltadas para as agendas institucionais ou para as práticas acadêmicas, não conhecem as problemáticas das jovens, não sabem onde estão nem como encontrá-las.

### Uma nova geração

Nos últimos anos, a ascensão inegável de um movimento de movimentos contrários aos projetos globais de guerra e mercantilização da vida tem como protagonista também uma nova geração de militantes. Uma geração que conhece o gosto da mentira sobre as maravilhas de uma mundialização neoliberal e que busca sua voz política nas ruas, insurgindo-se contra as políticas de guerra e miséria ditadas pelos mercados, ou contra as instituições do capitalismo globalizado.

Uma geração que também vive a opressão: de privação e violência, da precarização social e do trabalho, do estreitamento das liberdades de circulação e expressão das pessoas, da privatização do conhecimento e das condições de vida e dignidade. E lá estão as jovens mobilizadas, ativas nas greves

estudantis, nas comunidades da cultura Hip Hop, nos coletivos anticapitalistas autônomos, nas juventudes dos partidos, nas paradas do orgulho LGBT, nos grupos *piqueteros* na Argentina...

Mas como fazer política nesses movimentos de jovens homens e mulheres, se como nos contava Isabel (RJ), a única mulher a falar numa reunião da UNE é recebida com assobios e comentários engraçadinhos? É também nesse tipo de experiência que, à qual nem todas sobrevivem, que muitas começam a se dar conta de que há algo de específico na realidade de sermos mulheres jovens, que ali se atualiza a desigualdade de gênero e a opressão sexista, mas também uma renovação possível das linguagens de resistência e reivindicação, que é possível organizar-se e lutar enquanto mulheres, que é possível - necessário, urgente - o feminismo.

E como feministas, qual é o nosso espaço no movimento de movimentos? Se estamos sempre prontas a trabalhar pela agenda do movimento global, por que, como nos contou Elisa, vinda de Roma, o vigoroso movimento italiano não responde com a mesma prontidão quando precisamos sair às ruas contra uma lei que ameaça o direito ao aborto naquele país?

Um outro desafio das jovens é afirmar o feminismo como fundamental na prática dos movimentos e dos projetos de um outro mundo possível. Isso não é mais simples no campo da juventude: muitos jovens, seguros do caráter “novo” atribuído a seus movimentos, se recusam a admitir que exista entre eles, maculando sua capacidade de inovação, uma coisa tão “velha” como a opressão de gênero.

### Feminismo em movimento

Uma convocatória de criação de uma rede mundial de jovens feministas será lançada em breve. Uma rede que sirva como um instrumento coletivo que dê voz às iniciativas de meninas corajosas que frequentemente permanecem incomunicáveis, de inventar as formas de expressão do feminismo na experiência social e política particular das jovens, fortalecer as que lutam para levar o debate feminista para os movimentos sociais, de coordenar e trocar idéias e práticas políticas, criar os espaços que merecem todas as jovens que a cada dia se descobrem mais feministas do que podiam imaginar.

Julia Ruiz Di Giovanni é estudante de Ciências Sociais e estagiária da SOF.



A concorrida oficina de Feminismo e Nova Geração Política no Acampamento da Juventude

## Cultura no III Fórum Social Mundial

Por Luana Vilutis

Fernanda Estima

Mulheres do mundo na construção de um mural da Marcha



O Fórum Social Mundial é uma experiência cultural muito rica que proporciona o encontro e a articulação intercultural. A 3ª edição do FSM vivenciou o desenvolvimento de uma cultura própria ao processo FSM, experimentada a partir de sua internacionalização, da construção de obras coletivas e do diálogo intercultural como meio de construção do outro mundo possível.

O Grupo de Trabalho Nacional de Cultura do FSM priorizou a elaboração de projetos culturais coletivos com o objetivo de trabalhar a memória do FSM, envolver a população de Porto Alegre e os participantes do FSM 2003, além de integrar os projetos da Comissão de Cultura do Acampamento da Juventude.

O Acampamento da Juventude consolidou o espaço mais democrático de cultura dentro do Fórum e representou seu principal pólo de apresentações culturais espontâneas. O *Museu Vivo da Diversidade* criou um acervo próprio do FSM construído de forma coletiva. Foi composto por obras de arte coletivas

como a bandeira das bandeiras, vídeos do projeto Memória Instantânea, atelier do mosaico da cidadania, performances e realização de oficinas de pinturas corporais, entre outras intervenções. O *Memória Instantânea* captou e editou imagens do FSM exibidas instantaneamente; atualmente pretende formar um banco de imagens e sons do FSM e elaborar diversos documentários sobre seu processo. O *Domingo de Rua* levou questões do Fórum para parques e praças periféricas de Porto Alegre através da cultura, da arte e do diálogo com a população local.

O debate cultural também esteve presente na programação do eixo *“Mídia, Cultura e Contra-Hegemonia”*, com mais de 150 oficinas e com painéis que tiveram grande participação de público. No entanto, as maiores expressões artísticas e culturais do FSM consistem nas intervenções criativas livres e espontâneas de seus participantes.

Luana Vilutis é socióloga, membro do Grupo de Trabalho de Cultura do FSM e trabalhou na Secretaria Executiva do Fórum Social Mundial durante o processo do III FSM.

## o que rola

### Marcha das Margaridas em movimento

A Marcha das Margaridas, realizada em agosto de 2000, ficou consagrada como a maior mobilização nacional de mulheres trabalhadoras rurais já registrada na história do Brasil.

Neste ano, a Marcha está sendo encarada como um grande processo de animação e mobilização das trabalhadoras rurais em todos os Estados, um momento de discussão para refletir sobre as condições de vida das mulheres no campo e propor ações para intervir em todos os âmbitos. “O resultado de todo esse processo será a ida de 50 mil trabalhadoras rurais a Brasília, no dia 26 de agosto de 2003”, ressalta Raimunda Mascena, coordenadora da CNMTR da Contag. O lançamento oficial da Marcha das Margaridas ocorrerá no dia 27 de março, em Brasília.

## folhafeminista

nº 40 março de 2003 ISSN 1516-8042

### CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A Folha Feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da EED.

### EQUIPE EDITORIAL

**Diretora Responsável:** Nalu Faria  
**Editora:** Fernanda Estima (Mtb 25.075)  
**Projeto Gráfico:** Alexandre Bessa  
**Diagramação:** Márcia Helena Ramos  
**Fotolito:** Input  
**Impressão:** RWC Artes Gráficas  
**Tiragem:** 1.500 exemplares  
**Número avulso:** R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

**Assinatura anual (10 números):** R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros  
 05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

## próximos números

- A GUERRA NA VIDA DAS MULHERES
- REFORMA DA PREVIDÊNCIA